



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

LEIDIANE MACHADO CARDOSO

[LEIDI]

(Entrevista)

2017

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias.

Número da entrevista: E-831

Entrevistada: Leidiane Machado Cardoso [Leidi]

Nascimento: 30/08/1993

Local da entrevista: Hotel Laghetto - Porto Alegre, RS

Entrevistadora: Suellen dos Santos Ramos

Data da entrevista: 05/12/2017

Transcrição: Ariela Duarte da Silveira

Copidesque: Greyce Débora Caetano Barros

Pesquisa: Greyce Débora Caetano Barros e Silvana Vilodre Goellner

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 18 minutos e 03 segundos.

Páginas Digitadas: 12 páginas.

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Início no futebol; Receptividade dos familiares; Trajetória como jogadora; Clubes de atuação; Saída de casa para jogar futebol; Copa Libertadores da América; Sustento através do futebol; Objeto pessoal que retrata trajetória; Ingresso no Sport Club Internacional. Preconceito e dificuldade como mulher no futebol.

Porto Alegre, 05 de dezembro de 2018. Entrevista com Leidiane Machado Cardoso [Leidi] a cargo da pesquisadora Suellen dos Santos Ramos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

S.R. - Leidi, bom dia. Eu primeiro queria te agradecer por estar cedendo um pouquinho do teu tempo para esta entrevista. E queria começar perguntando assim, como é que tu iniciou a jogar futebol?

L.C. - Comecei no futsal. Comecei com o Garrincha¹, foi depois onde a Pulga² me levou para a Tati³, na ULBRA⁴. Também comecei com a Duda⁵ no campo, aí fui para o Porto Alegre⁶ onde foi meu primeiro ano de experiência no campo, aí foi onde teve a seletiva para a Seleção Brasileira Sub-19 na época. Aí eu fui para essa seletiva e fui para a seleção, com a Duda e lá fui indicada para ir para o clube São José⁷ e foi onde eu comecei. Fiquei dois anos disputando as competições em São Paulo na Sub-19 e subi para a principal. Depois passei pelo Foz⁸, dois anos também, depois Kindermann⁹, depois Centro Olímpico¹⁰, Audax¹¹ e Corinthians¹². E Inter¹³ agora.

S.R. - E tu chegou a jogar na rua, na escola?

L.C. - Na verdade foi na escola que tudo começou. Eu estudava no Santa Rita¹⁴ e vinha disputar aqui em Porto Alegre disputar a School Games¹⁵, a Paquetá¹⁶, essa época aí.

¹ Associação Futebol Feminino Garrincha.

² Enelise Cristiane da Silva.

³ Tatiele dos Santos Silveira.

⁴ Universidade Luterana do Brasil.

⁵ Eduarda Marranghello Luizelli.

⁶ Porto Alegre Futebol Clube.

⁷ Esporte Clube São José.

⁸ Foz do Iguaçu Futebol Clube.

⁹ Sociedade Esportiva Kindermann.

¹⁰ Associação Desportiva Centro Olímpico.

¹¹ Grêmio Osasco Audax.

¹² Sport Club Corinthians Paulista.

¹³ Sport Clube Internacional.

¹⁴ Escola Santa Rita de Cássia.

¹⁵ Competição entre escolas da região metropolitana de Porto Alegre e outros municípios do interior do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁶ Estudantil Paquetá Esportes/Nike, uma das principais competições intercolegiais do Rio Grande do Sul.

S.R. - E tu era da onde?

L.C. - De Gravataí¹⁷ normal, jogava por lá só. Aí teve essa competição aqui em Porto Alegre onde foi que eu comecei a vir e foi onde a Duda estava também, que a gente jogava com outras escolas e ela estava ali e foi onde eu recebi um convite para jogar no Porto Alegre.

S.R. - E nessa época da Duda era a escolinha¹⁸?

L.C. - Tinha a escolinha da Duda, mas já tinha o Porto Alegre. Aí foi onde eu iniciei, treinava na Galvão¹⁹ um tempo com ela e depois comecei a ir para Porto Alegre, treinar direto lá.

S.R. - E na escola quando tu jogava, tinha outras meninas que jogavam contigo?

L.C. - Tinha. Tinha bastante até na época, a mas que seguiram mesmo foi só eu, a maioria foi parando.

S.R. - E como foi a reação da tua família quando tu optou por jogar futebol?

L.C. - Meu irmão sempre jogou futebol, ele sempre jogou muito e eu ia sempre para a quadra com ele. Sempre, sempre. Aí eu peguei o gosto pelo futebol também e meus pais sempre foram tranquilos para isso, nunca falaram: “Não, não vai”. Até quando eu fui embora daqui eu fui sozinha, sem eles me acompanhar, nada. Sempre confiaram em mim. Em Porto Alegre eu andava sozinha com 15 anos, ia para a Restinga²⁰, tudo sozinha e eles sempre só me apoiando no dinheiro da passagem, gastando. Mas nunca tiveram nada contra o futebol, sempre me apoiaram.

¹⁷ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

¹⁸ Escola de Futebol da Duda.

¹⁹ Quadra de Futebol Galvão Esportes.

²⁰ Bairro da Zona Sul da cidade de Porto Alegre.

S.R. - E como se deu esse processo de saída do Estado? Saiu de Cachoeirinha²¹ e foi para São José²². Como é que isso aconteceu?

L.C. - Foi depois da convocação para a seleção. Ai a Luana²³ estava jogando no São José²⁴, ela me indicou lá também. Aí eu fui para o Sub-19 lá, na época tinha de 17 para 18. Aí lá eu consegui me destacar entre a categoria de base que tinha lá, e era as meninas da cidade, eram poucas meninas de fora. Aí joguei um ano lá, fui capitã tudo, o Márcio²⁵ gostou do meu futebol, que era o técnico na época. E subiu, de vinte e poucas meninas ele subiu só três para a equipe principal. E eu fui uma delas, né? Aí foi onde eu conseguir crescer. Já estava com a Formiga²⁶, com as meninas mais experientes. Foi onde eu consegui aprender o futebol de verdade. Eu peguei essa época boa aí, que foi o melhor ano do São José em 2011, 2012.

S.R. - E essa época chegaram a ganhar?

L.C. - Ganhamos o Paulista²⁷, Copa do Brasil²⁸ e a Libertadores²⁹. Durante dois anos. Tudo.

S.R. - Então tu é bi da Libertadores?

L.C. - Bi.

S.R. - Sério mesmo?

L.C. - É. Tri da Copa do Brasil.

²¹ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

²² São José dos Campos, município do Estado de São Paulo.

²³ Nome sujeito a confirmação.

²⁴ São José Esporte Clube.

²⁵ Márcio Oliveira.

²⁶ Miraildes Maciel Mota.

²⁷ Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

²⁸ Copa do Brasil de Futebol Feminino.

²⁹ Copa Libertadores da América de Futebol Feminino.

S.R. - Que *show*, Leidi. Me fala um pouquinho como é que foi essa convocação para a seleção?

L.C. - Cara essa convocação... Na verdade eu não sonhava em chegar na seleção. Eu tinha prazer em jogar bola, em estar nos clubes aqui, mas quando aconteceu essa convocação foi... *Nossa!* Nem sabia para onde comemorar, não tinha muita noção. Mas acredito que eu não estava preparada quando eu fui. Não tinha muita ideia do campo, nunca tinha jogado, só tinha treinado com a Duda aqui um tempo, não tinha disputado o Gauchão³⁰, nada ainda. Aí o Doriva³¹ veio, assistiu a seletiva e me convocou. Chegue lá era tudo novo, não tinha ideia nenhuma do que eu estava fazendo lá, mas entendi um pouquinho do futebol. Mas acredito que não estava preparada na oportunidade que eu tive assim. Hoje vendo com outros olhos, outro futebol também. Mas foi um sonho, foi onde eu falei: “Bah³², agora eu vou jogar bola”. Se não eu ia continuar aqui, jogando futsal, campo, mas não pretendia sair nada. Aí foi depois dessa convocação, dei umas entrevistas, foi bem legal. Aí foi onde eu fui para São Paulo, e aí eu realizei um sonho. Saí de casa, tudo o que eu queria depois dessa convocação. Foi onde eu fiquei super feliz assim.

S.R. - Ser jogadora?

L.C. - Foi diferente do que eu era antes e depois dessa convocação. Mudou tudo.

S.R. - E essa foi a única convocação que tu teve?

L.C. - Essa foi a única convocação.

S.R. - Que deu *start* para tudo. E depois do São José tu foi para Foz?

L.C. - Fui para o Foz, fiquei dois anos no Foz jogando. Lá a gente foi campeão do Paranaense³³, dois anos seguidos, fomos terceiro do Brasileiro³⁴ com um time bem jovem

³⁰ Campeonato Gaúcho.

³¹ Dorival Bueno Pacheco.

³² Gíria regional do Rio Grande do Sul.

³³ Campeonato Paranaense.

³⁴ Campeonato Brasileiro.

que a gente tinha, que tinha todo aquele timaço do Foz que tinha em 2013 por aí. Não, em 2010, que foi quando começou, que eles mantiveram uns dois anos um timaço que foi campeão de tudo. Aí foi logo que eu fui para lá, se desmontou esse time, ficou um time bem jovem durante uns dois anos e a gente conseguiu ser terceiro do Brasileiro com um time Sub-20 assim. Foi o primeiro Brasileiro, não é? Acho que o Centro Olímpico foi campeão se eu não me engano. Mas a gente foi bem pra caramba, foi um ano de muita experiência. Um ano que eu joguei o ano todo, consegui aprender bastante.

S.R. - Teve uma sequência boa ali. E pós Foz?

L.C. - Pós Foz para mim foi o melhor clube que eu passei, o melhor ano que foi o Kinderman³⁵. Foi campeão da Copa do Brasil, joguei todos os jogos também, a gente tinha um time bem jovem. Acho que de experiente tinha a Tuani³⁶ e a Moretti³⁷ só, o resto eram todas Sub-20, todas novinhas. E a gente conseguiu ser campeão invicto da Copa do Brasil em 2015. Foi a melhor sensação.

S.R. - A Andressinha³⁸ não estava mais?

L.C. - Não. Era a Djeni³⁹. A Andressinha tinha saído, já estava para fora. Era bem novo o time, mas foi muito legal. O técnico também, que foi o Josué⁴⁰, que logo depois acabou sendo morto lá, que acabou com o time.

S.R. - Tu estava lá nessa época?

L.C. - Estava. Eu fiquei até... Eu disputei a Copa do Brasil, depois o Arthur⁴¹ fez uma ligação para nós... Como Kinderman não ia ter mais competições, só depois em setembro, aí o Arthur pediu para gente jogar o Paulista. Aí foi eu e mais duas do Kinderman, a

³⁵ Sociedade Esportiva Kindermann.

³⁶ Tuani Lemos.

³⁷ Daiane Moretti.

³⁸ Andressa Cavalari Machry.

³⁹ Djenifer Becker.

⁴⁰ Josué Henrique Kaercher.

⁴¹ Arthur José Ribas Elias.

Bianca⁴² e a Pati⁴³. Mas estava lá, daí foi no final do ano que aconteceu essa tragédia. Mas a Copa do Brasil foi um *start* também para a minha vida em jogar, em disputar toda a competição, foi muito legal. E o time né, desacreditado, onde ninguém acreditava, por ser todas jovens. Acho que foi 3x3 o primeiro jogo da final contra a Ferroviária⁴⁴ e depois 5x2 em casa, foi legal pra caramba.

S.R. - Eu lembro. Foi jogão.

L.C. - Foi, foi muito bom. Minha família também pôde ir assistir lá, era mais perto.

S.R. - Sim, não era tão longe.

L.C. - Foi um sonho que até hoje a gente comemora esse título. Acho que de todos que eu ganhei, esse foi um dos mais especial, apesar de já ter tido uma Copa do Brasil pelo São José e agora pelo Audax, mas a do Kinderman acredito que foi a mais especial para mim. Foi legal demais. Pelo time, era uma família, não tinha uma briga, não tinha nada, café da manhã todo mundo junto no restaurante, almoço, tudo, tudo. Foi bem legal.

S.R. - E daí tu já te transferiu para São Paulo novamente?

L.C. - É. Na metade do ano eu voltei para São Paulo, para o Centro Olímpico na época, aí no final do ano virou uma parceria com o Audax e no outro ano já era só o Audax e no terceiro ano já era Audax e Corinthians junto. Aí fiquei três anos com essa comissão trabalhando.

S.R. - Era a mesma comissão?

L.C. - Era a mesma comissão, só foi mudando os clubes.

S.R. - E aí quando virou Audax já veio a Copa do Brasil?

⁴² Bianca Bernardes Blanger.

⁴³ Patrícia da Silva Sochor.

⁴⁴ Associação Ferroviária de Esportes, Araraquara.

L.C. - Já veio a Copa do Brasil.

S.R. - Que vocês conquistaram a vaga da Libertadores?

L.C. - É. 2016 e daí em 2017.

S.R. - E como é que se deu esta parceria Audax Corinthians? Como é que foi vestir a camisa do Corinthians que é um time de camisa do futebol masculino, não tem tanta tradição no futebol feminino mas... Como foi esse sentimento clubístico? Como vocês lidaram com isso?

L.C. - Quando a gente estava só no Audax, a diretoria do Audax é uma diretoria que ama o futebol. O cara tem oito times masculinos e colocou o feminino, nunca teve o feminino por lá. E ele apoiou super, montou um time bom que foi onde a gente conquistou a Copa do Brasil e para o outro ano ele já: “Vamos pegar um time de camisa para ter torcida no estádio”, que ele quer torcida, entendeu? O que ele mais quer é torcida, ele fala: “Vamos ter que colocar esse time de camisa para conseguir uma torcida legal no estádio para torcer para o feminino”. Foi onde ele conversou com a diretoria do Corinthians, se acertaram e foi outro sonho realizado também em questão da camisa do Corinthians. E a galera começou a ir assistir, a torcida é fanática. E para os clubes, para os dois acredito que foi bom essa parceria. Foram dois anos de parceria. E foi onde eles alcançaram os objetivos, Audax conseguiu manter os times na Série A⁴⁵, o Corinthians também. Porque se não tivesse essa parceria ia manter só o Corinthians na série A e o Audax ia cair. Então o Audax teve que montar outro time para conseguir as duas vagas, até conseguir ficar no Brasileiro série A1, que se ele não tivesse montado o time ano passado e entrasse esse ano só o Audax ia para a B. Então o cara conseguiu estudar tudo isso e conseguiu manter essa parceria com o Corinthians e deixar os dois times na série A. Que o Corinthians entrou ano passado... Não, ano retrasado. E o Audax já estava com o Corinthians aí se não tivesse essa parceria um ia ficar na B para o ano passado. Não ia conseguir manter os dois na A. Aí ele teve que montar outro time. E conseguiu, ele conseguiu colocar a base do Audax, foi muito legal. Sub-15 lá disputando o Paulista. O Corinthians também botou base feminina, ficou bem legal. Os dois times se ajudaram bastante.

S.R. – Estão se desenvolvendo, não é?

L.C. - Estão. Ficou Bom. Abraçaram a causa do futebol feminino.

S.R. - Como é que foi esse ano aí de Corinthians?

L.C. - Esse ano foi um ano que a gente disputou as três competições, chegamos nas três. Perdemos a final para o Santos⁴⁶. Paulista também, a semifinal para o Rio Preto⁴⁷ e concluímos com a chave de ouro da Libertadores, que foi muito bom.

S.R. - Tu disputou tua primeira Libertadores tu tinha o que, uns 19 anos? 20?

L.C. - É. 19.

S.R. - E agora tu disputa de novo assim. Tu notou alguma diferença?

L.C. - Toda diferença.

S.R.- – De organização também, mas de ti como pessoa?

L.C. - Sobre a organização, quando foi no Brasil, que foi no São José foi bem legal também porque foi no Brasil. Mas depois as outras Libertadores já teve um desconforto nos outros países, não foi tão legal pelo o que os clubes brasileiros passaram. São José no ano passado ou retrasado, não lembro se foi no Paraguai, acho, a Libertadores?

S.R. - Não me lembro.

L.C. - No Paraguai foi esse ano. Na Colômbia acho que foi e elas passaram dificuldade, campo escuro, não tinha alimentação, então foi uma vergonha para o futebol feminino para quem foi disputar essa Libertadores e esse ano a gente foi com o psicológico pronto que ia

⁴⁵ Série A do Campeonato Brasileiro.

⁴⁶ Santos Futebol Clube.

⁴⁷ Rio Preto Esporte Clube.

ser tudo ruim, que ia ser a pior pelo lugar, porque quando eu estava no Foz a gente jogou um amistoso contra o Paraguai lá. Hotel, comida, muito, muito ruim. Então a gente achou que ia... E quem já tinha ido no Paraguai também: “Bah⁴⁸, a cidade não é tão boa.” E a gente foi com aquela coisa, com aquele psicológico que meu Deus, vai ser duas semanas de sofrimento. Chegamos lá, não, foi tudo ao contrário. Ficamos em um *resort* lindo, lindo, lindo. Hotel maravilhoso assim, tipo, questão de dormir, de comida, tudo. Infelizmente teve a causa da galera ficar com diarreia, da bactéria na comida, mas era porque era muita delegação e não era dentro do *resort*, o refeitório era fora. Mas isso foi uns dois dias, depois passou, mudou os cozinheiros, chamaram todo o pessoal do restaurante e se reorganizaram de novo e deu tudo certo, foi bem legal, foi tudo lindo. A gente foi com o psicológico que ia ser o pior possível e foi perfeito.

S.R. - Atendeu todas as expectativas e foi além?

L.C. - E mais um pouco.

S.R. - Tu já relatou alguns momentos marcantes dessa tua trajetória como jogadora. Tem algum outro momento que tu lembre?

L.C. - Eu acho que esse mesmo do Kinderman foi o mais especial de todos, a Copa do Brasil. Foi o ponto positivo.

S.R. - E como é que se deu esse processo de vinda para o Inter?

L.C. - Foi o convite da Duda. Na verdade, no ano retrasado eu acho que eu e a Byanca⁴⁹ a gente chegou a vir para jogar o Gauchão também. Chegamos acho só para jogar a final, semifinal, que não tinha esse regulamento que precisava ter vindo antes. Era a Duda, que era o time de Canoas⁵⁰, jogamos contra o Onze Unidos⁵¹ e perdemos a final, mas era um time bem novinho também. Aí esse ano a Duda fez um convite para nós. Eu falei: “Vamos! Claro! Sem dúvida.” Até porque eu gosto de jogar aqui. Eu não tenho o Gauchão ainda e

⁴⁸ Expressão regional do Estado do Rio Grande do Sul.

⁴⁹ Byanca Beatriz Alves de Araújo (Byanca Brasil)

⁵⁰ Município do Estado do Rio Grande do Sul.

pretendo ganhar esse ano. Aí a Duda fez o convite, também pela comissão que estava trabalhando, eu e a Byanca gostamos muito de trabalhar com a Tati⁵². A Byanca ainda não tinha trabalhado com a Tati, mas a gente já tinha conversado bastante. Já tinha falado bem da Tati para ela e ela gosta muito do trabalho. Daí eu falei: “Vamos disputar esse Gauchão lá, vamos para lá.” E ela: “Vamos, com certeza.” E aí foi um convite que eu estou pensando em ficar. Aquele convite sensacional. É um lugar que eu me sinto à vontade, me sinto bem de estar jogando. Gostando bastante de estar por aqui.

S.R. - Já teve alguma outra atividade profissional sem ser jogar futebol?

L.C. - Não, só na escola. Profissional nada.

S.R. - Então em todas as equipes que tu passou tu conseguiu te sustentar só jogando futebol?

L.C. - Só jogando futebol.

S.R. - Não precisou de nenhum auxílio dos teus pais?

L.C. - Não, não. Acho que no começo quando eu fui para São José, mas era aquele começo que eu ganhava, mas não tinha noção do que gastar, entendeu? Torrava tudo, não tinha noção de final de mês, essas coisas. Não tinha noção nenhuma, primeiro ano fora de casa tive que aprender a me virar. Depois, graças a Deus, consegui viver tranquila. A gente prende, não é? Vai amadurecendo, vai tendo a noção da vida.

S.R. - E tu já teve alguma dificuldade por ser mulher e jogar futebol?

L.C. - Olha, os clubes que eu passei, eu acho que eu peguei sempre no melhor momento, eu nunca passei uma dificuldade no futebol.? Eu comento com as gurias, elas contam umas dificuldades que elas tiveram e eu, desde casa, desde o Porto Alegre já ganhava as passagens, então não tive muita dificuldade no futebol feminino, assim. Fui para o São

⁵¹ G. E. Onze Unidos.

⁵² Tatiele dos Santos Silveira.

José na melhor época, fui para o Foz numa das melhores épocas também, tipo, eu não passei muita dificuldade no futebol feminino. E sobre o preconceito, acho que só quando eu era mais nova em casa, pessoal da rua, eu só andava com os guris, daí ficavam folgando, normal, mas depois... Nunca tive esse preconceito.

S.R. - Na vida adulta?

L.C. - Nunca passei por isso.

S.R. - Se tu pudesse definir um objeto pessoal que retratasse a tua trajetória como jogadora. Um ou dois objetos. Se eu dissesse assim: “Leidi, eu preciso fazer uma exposição e tem um espaço lá que é só teu.” Que objeto tu me doaria?

L.C. - *Bah*, a camiseta do Kinderman. É, a camiseta do Kinderman. A do Corinthians também, foram três anos assim, Audax ali pela Copa do Brasil. Desses títulos aí que eu conquistei, que é sempre o que eu penso em fazer lá em casa assim. Tipo, quando eu tiver a minha cama, de botar as medalhas, as camisas e tu olhar para... E lembrar de tudo que tu viveu, os títulos. Que é difícil ganhar um título! E eu graças a Deus consegui estar em uns clubes bons durante esses sete anos fora de casa e todos os anos que eu passei eu fui campeã de algum campeonato. Acho que não teve um ano que eu não fui campeã de nada assim. Então tem bastante. Mas o do Kinderman, para mim, é o principal por tudo, pelo time, pelas amizades que eu construí, pela comissão técnica, pelo carinho que eu adquiri do clube.

S.R. - Tem alguma outra coisa que eu não te perguntei que tu gostaria de comentar? Acha que a gente conseguiu englobar tudo da tua trajetória? Falta alguma coisa?

L.C. - Acho que foi tudo. Não estou lembrando. Se eu lembrar eu procuro, mas acho que é isso.

S.R. – Muito obrigada pela entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]

Leidiane Machado Cardoso [Leidi]